

PECULIARIDADES PROSÓDICAS DO PORTUGUÊS FALADO EM TIMOR LESTE

Davi Borges de Albuquerque¹

albuquerque00@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo tem o objetivo de apresentar evidências prosódicas para comprovar a existência de uma variedade da língua portuguesa falada em Timor Leste. Para tanto, o artigo apresentará também informações sócio-históricas do contato lingüístico sofrido pelo português na Ásia no decorrer do período da colonização. As chamadas “peculiaridades” são vistas aqui como traços particulares da gramática desta variedade do português

PALAVRAS-CHAVE: Língua Portuguesa; Timor Leste; fonética; fonologia; prosódia.

INTRODUÇÃO

A ilha de Timor é uma pequena ilha localizada no Sudeste Asiático que se encontra também próxima das ilhas do Pacífico e da Austrália. Apesar de ter sido colonizada pelos portugueses desde início do século XVI, a presença portuguesa efetiva na ilha, durante um longo período histórico, foi irrisória. Sendo assim, a língua portuguesa, mesmo sendo falada em algumas situações sociais específicas, que serão apontadas mais adiante, era (e atualmente é) dominada somente por uma pequena parcela da população. Ainda, o país sofreu uma dominação da Indonésia de 1975 até 1999 com o uso da língua portuguesa sendo proibido. Contudo, ela foi usada como língua de resistência. A língua Tétum, que funciona como língua franca entre os diversos grupos etnolingüísticos que possuem línguas maternas diferentes, foi negligenciada e a língua malaio, em sua variedade *bahasa indonesia*, foi imposta à população leste-timorense² nesse mesmo período.

A língua portuguesa foi eleita língua oficial de acordo com a Constituição Federal da República Democrática de Timor-Leste no ano de 2002, juntamente com a língua Tétum, em

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Lingüística – PPGL da Universidade de Brasília – UnB.

² A língua oficial da Indonésia é o *bahasa indonesia* que na realidade trata-se do malaio em sua variedade falada na Indonésia, que se originou de uma forma pidginizada que era utilizada como língua franca de comércio na região do sudeste asiático desde o século VII, esta variedade é chamada de *pazar melayu*.

sua variedade Tétum-Praça. Nos dias de hoje, a língua portuguesa, apesar de ser a língua oficial e de serem os recenseamentos atuais a respeito do uso da língua no Timor Leste um tanto contraditórios, é falada por poucos, já que está associada à dominação portuguesa, e também poucos são os professores aptos para ensinar essa disciplina no currículo escolar. Esses fatores causam certa polêmica sobre a posição do governo em relação à língua portuguesa.

O presente artigo procura analisar a língua portuguesa falada em Timor Leste como uma variedade em formação e suas peculiaridades realizadas pelos falantes, que fogem à norma européia, são estruturas típicas do Português de Timor Leste (doravante PTL), e não erros de aprendizagem. Dessa maneira, será apresentada, na seção 1, a situação atual da língua portuguesa em Timor Leste; na seção seguinte, serão apontados brevemente certos aspectos do acento no Português Europeu (PE), sua possível influência na prosódica do PTL, e serão analisadas as peculiaridades do PTL e as possíveis influências das línguas nativas de origem austronésica na formação dessa variedade da língua portuguesa.

Toda a discussão em torno da história e da situação linguística atual do português em Timor Leste e a análise dos dados linguísticos objetivam apresentar uma introdução aos estudos do PTL, com ênfase na fonologia desta variedade da língua portuguesa, e, assim, como já foi mencionado, contribuir para os estudos linguísticos lusófonos e apresentar evidências a favor da existência da variedade do PTL.

1. A LÍNGUA PORTUGUESA EM TIMOR LESTE

A política linguística da coroa portuguesa em relação à colônia timorense era de ensinar a língua portuguesa somente para os cidadãos nativos que eram de alguma forma influente diante da população – régulos, chefes, pais de famílias nobres, entre outros³. Ainda, o papel da educação na colônia era responsabilidade dos padres católicos, principalmente dos freis dominicanos. Sobre as línguas nativas, a língua Tétum funcionava como língua franca antes da chegada dos colonizadores (THOMAZ, 2002), o que fez com que os portugueses, os funcionários da administração portuguesa próxima – Goa e Macau – e os missionários algumas vezes a utilizasse; outra língua nativa, o Galolen, esta falada somente no distrito de

³ A organização política de Timor Leste encontrada pelos portugueses era um complexo quadro de pequenos reinos, que eram subdivididos de diversas maneiras. Ainda, as pequenas subdivisões e os pequenos reinos possuíam uma intrincada rede de alianças fluidas, que constantemente eram feitas, desfeitas e renovadas. Dessa maneira, o exposto aqui é somente uma simplificação dos diversos títulos de nobreza que existiam na ilha. Para uma melhor descrição histórica desta organização, ver Oliveira (2004).

Manatuto, também chegou a ser utilizada pelos padres; as outras línguas nativas foram simplesmente ignoradas.

Pouco se sabe sobre como realmente se efetuava o processo de comunicação dos funcionários de Goa, Malaca, Macau e os portugueses com a população leste-timorense, e qual língua, ou línguas, eram faladas nesse processo. Há evidências históricas do uso do *Pazar Melayu* em uma vasta região do sudeste asiático por volta do século XV, esta data marca a hegemonia dos sultanatos malaios, que provavelmente foi substituído pelo Crioulo Português de Malaca (CPMal) no século seguinte. Mas há evidências de que as seguintes línguas eram também faladas: o Crioulo Português de Macau (CPMac), pois houve um grande fluxo de funcionários chineses de Macau para Timor na época da fundação da nova capital, Dili, em 1769; o Crioulo Português de Bidau (crioulo de base lexical portuguesa falado no bairro de Bidau, periferia de Dili, capital de Timor Leste)⁴ era usado por uma parcela da população timorense; o Tétum-Praça, que funciona até atualidade como a língua franca de Timor Leste, era falado por grande número de timorenses; a língua portuguesa propriamente dita era provavelmente utilizada também, mas somente em poucas interações, já que o número reduzido de falantes limitava-se aos europeus.

Finalmente, os portugueses chegaram à ilha de Timor no início do século XVI, mas a colonização efetiva do território aconteceu somente séculos mais tarde, por volta do século XVIII, quando a coroa portuguesa após sucessivas disputas com a Holanda – representada pela Companhia das Índias – perdeu para ela diversos territórios e entrepostos comerciais.

Mesmo com uma permanência de cerca de quatro séculos em Timor Leste, a eficácia do sistema educacional português foi de pouca expressão, quando comparado aos 24 anos de dominação indonésia. Nesse curto intervalo de tempo, a Indonésia conseguiu impor de maneira exemplar sua língua, o *bahasa indonesia*. Os dados de recenseamento, porém, em relação à fluência da população leste-timorense em *bahasa indonesia* e em língua portuguesa não são exatos, já que o *Timor-Leste Census of Population and Housing* (2006) afirma que 58% da população fala *bahasa indonesia*, enquanto que apenas 37% falam português, mas o *Relatório de Desenvolvimento Humano de Timor Leste* (2001) afirma que 42% é fluente em *bahasa indonesia*, mas somente 5% é fluente em português. Os únicos dados em concordância são em relação à população total de Timor Leste, que é cerca de um pouco mais que 900.000 pessoas, e a porcentagem de falantes de Tétum-Praça que se encontra em uma média superior a 80% da população.

⁴ Para informações sobre o Timor Leste durante os séculos iniciais da colonização, assim como uma extensa análise do Crioulo Português de Bidau, ver Baxter (1990).

O uso da língua portuguesa é limitado a situações formais: no ensino escolar, nas atividades universitárias e na área jurídica, principalmente. Mas na prática, a realidade é bem diferente: o ensino em Timor Leste é problemático, há uma alta taxa de relação professor/aluno – são aproximadamente 6400 professores – e destes apenas uma pequena parcela tem o domínio da língua portuguesa, de acordo com o *Relatório do Desenvolvimento Humano de Timor Leste* (2001: 55) quando “3000 professores foram sujeitos a um teste realizado pela Missão Portuguesa (...) apenas 158 (5%) obtiveram aprovação, a maioria dos quais vivia em Dili ou em Baucau” que são os distritos mais urbanizados do país; não há situações no dia-a-dia em que a língua portuguesa é usada, a língua franca entre os povos timorenses que possuem línguas maternas distintas é o Tétum-Praça, como já foi citado anteriormente, em demais situações comunicacionais, a necessidade de uma língua internacional e o uso da terminologia técnico-científico e jurídico-administrativo (parcialmente ausente em língua Tétum), inclusive nos variados níveis de ensino, ora é usado o malaio, ora o inglês; ainda, a língua de ensino, que deveria ser o português implantado gradativamente a cada ano, mas, por não ser de conhecimento de grande parte dos professores, cabe ao professor a escolha de outra língua, ou línguas, que varia de acordo com os problemas enfrentados por cada comunidade: diferença de língua materna entre os alunos, diferença da língua materna entre aluno e professor, e quando adotada a língua Tétum, esta não possui um léxico modernizado e estabilizado, como foi comentado anteriormente, o que causa uma dificuldade para o professor.

O PTL apresenta uma grande variação, afirmar, porém, como as subvariedades do PTL encontram-se distribuídas exatamente não é possível, já que poucos são os estudos realizados sobre essa variedade do português. No entanto, certos traços são notórios, como: há uma subvariedade do PTL próxima da norma europeia usada nas situações formais descritas acima, falada pelos mais velhos e pela camada da população altamente escolarizada e/ou de alta renda; os distritos mais urbanizados – Dili e Baucau – por apresentarem um contato maior com a língua portuguesa, como em jornais, rádios, televisão e nos ritos da igreja católica, um acesso ao sistema de ensino relativamente melhor do que as regiões rurais, inclusive com a atuação de professores lusófonos nativos (principalmente portugueses e brasileiros), possuem subvariedades em uma posição intermediária em um *continuum* (conforme apresentado na fig.1); o distrito de Oecussi, que consiste em um enclave na parte oeste da ilha, apresenta uma subvariedade mais arcaizante com uma influência do português quinhentista (CARVALHO, 2002), devido ao fato de os portugueses chegarem primeiramente lá no século XVI; o distrito de Viqueque apresenta uma subvariedade distinta pelo fato de a língua materna ser o Tétum

ReVEL, v. 8, n. 15, 2010. ISSN 1678-8931 273

em seu dialeto Tétum-Térik, o que a localiza em uma posição intermediária do contínuo; ainda, há muitas subvariedades que apresentam estruturas gramaticais particulares, pois além da precariedade do ensino e do uso da língua portuguesa, a língua materna do aprendiz leste-timorense de língua portuguesa influencia no processo.

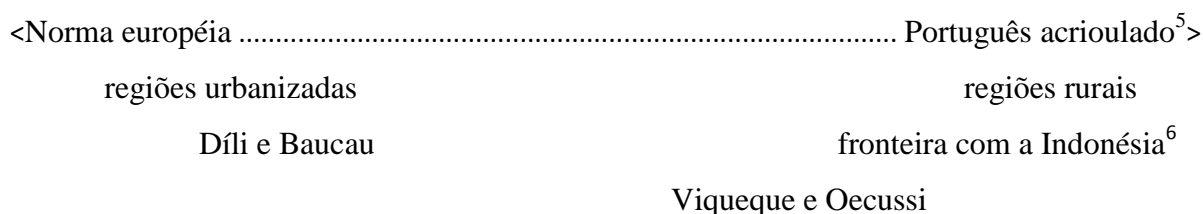


Figura 1: Contínuo das subvariedades do PTL

As características de variação do PTL apontadas anteriormente, que são de natureza diastrática, baseiam-se em dados coletados pelo autor do presente artigo que residiu em Timor Leste cerca de um ano, no período de 2008 a 2009; que também tentou verificar a frequência e a distribuição das estruturas gramaticais que “fogem” à norma europeia e, a primeira vista, estas estruturas apresentam-se distribuídas e com frequência homogênea, o que significa que a gramática do PTL está em vias de estabilização.

Os estudos anteriores sobre o PTL (BRITO, 2002, 2004; BRITO e BASTOS, 2007; BRITO e CORTE-REAL, 2002) foram realizados ora sobre a gramática do PTL não sendo o foco principal dos autores, ora sobre as realizações linguísticas dos falantes e aprendizes do PTL encaradas como “dificuldades” e/ou “problemas”. A posição do presente autor em relação às estruturas linguísticas que se encontram em desacordo com a norma europeia é a seguinte: quando há certa estabilidade e frequência em tais realizações, a estrutura, na realidade, faz parte da gramática do PTL, que está em vias de estabilizar-se. Dessa forma, o PTL pode ser considerado uma variedade não-nativa do português da Europa, como o Português de Moçambique (GONÇALVES, 1997, 2003), o Português de Angola, o Português do Brasil etc.

2. CARACTERÍSTICAS PROSÓDICAS DO PTL

⁵ Chamo aqui de ‘português acrioulado’ a subvariedade do PTL que o falante aprendeu de maneira não-formal e, assim, sofre maior influência do *bahasa indonesia* e da língua materna do falante, ou seja, mais distante da norma europeia e repleto de elementos indígenas e indonésios.

⁶ Incluo no contínuo a característica “fronteira com a Indonésia” pelo fato de os distritos que fazem fronteira com a parte oeste da ilha, que é território indonésio, a saber: Bobonaro e Suai, apresentarem uma variação muito distante da norma europeia por diversos motivos, entre eles: a influência da Indonésia – através do malaio – e o uso quase nulo desta língua em situações comunicacionais.

Antes de se iniciar uma análise fonético-fonológica e prosódica do PTL deve-se ter em conta qual, ou quais, variedade(s) da língua portuguesa chegaram na Ásia no início do século XVI. A maioria dos autores, como Leite de Vasconcelos (1970) e Serafim da Silva Neto (1988), classifica o português do século XVI como *Português Moderno*, porém há outros autores que o classificam como *Português Clássico* e até como *Português Médio*. Há certo consenso, porém, em periodizar o *Português Moderno* a partir de 1572 com a publicação da obra *Os Lusíadas* de Luís de Camões. Então, os fatos linguísticos notáveis do português da época era uma língua em um período de transição, assim como repleta de variações diastráticas e diatópicas. Ainda, há registros de que a população portuguesa residindo em Timor Leste nos anos iniciais da colonização era de algumas centenas apenas (BAXTER, 1990). Por causa dessa evidência, juntamente com outras, argumento que as variedades da língua portuguesa que possivelmente influenciaram com maior intensidade foram o CPMal e CPMac.

O PTL apresenta diversos traços em sua estrutura que podem servir para argumentar a favor da existência da variedade do português falado em Timor Leste. As origens e/ou prováveis influências no surgimento da variedade do PTL foram várias devido ao processo histórico peculiar da ilha de Timor, conforme foi apresentado brevemente. Entre os fatos linguísticos principais dignos de serem mencionados encontram-se: a dificuldade de aprendizagem da fonologia do português europeu, assim como outros traços tipológicos indo-europeus da gramática portuguesa que não se encontram em línguas austronésicas⁷; o contato com as línguas nativas de Timor Leste que não possuem alguns fonemas do português e a influência dessas línguas como L1 no processo de aprendizagem do português LE; a transmissão linguística irregular típica da formação de línguas crioulas, no caso da ilha de Timor, a formação dos Crioulos Portugueses Asiáticos (CPs Asiáticos) e a presença deles na formação da própria sociedade leste-timorense.

Diante desse quadro complexo, o PTL apresenta várias diferenças em relação à norma europeia. Dentro dessas diferenças, separo três aspectos notáveis que caracterizam essa variedade: a realização de alguns fonemas; processos fonológicos típicos do PTL; traços idiossincráticos da prosódia do PTL.

⁷ Uma característica da fonologia das línguas de origem austronésica faladas em Timor Leste e importante para a compreensão dos dados que serão apresentados neste artigo consiste no fato de que as vogais dessas línguas, como Tétum, Manbae, Galolen e Tokodede, não sofrem lenição. Alguns exemplos da língua Tétum: *malae* [ma.ˈla.e] ‘estrangeiro’, *lafaek* [la.ˈfa.ek] ‘crocodilo’, *bá* [ˈba.a] ‘ir’. Essa característica muitas vezes é mantida pelo falante leste-timorense para o PTL, que realiza as vogais átonas da língua portuguesa da seguinte maneira: *bate* [ˈba.te], *roda* [ˈrɔ.da], *enredo* [en.ˈre.dɔ].

2.1 A REALIZAÇÃO DOS FONEMAS

O quadro de fonemas do português, de acordo com a norma europeia, compõe-se dos seguintes fonemas consonantais: /p, t, k, b, d, g, f, s, ʃ, v, z, ʒ, m, n, ɲ, r, l, ʎ, j, w/ e dos seguintes fonemas vocálicos: /i, e, ε, a, ɔ, o, u/⁸ (MATEUS e D'ANDRADE, 2000:10). Em relação ao PTL, há a ocorrência de todos esses fonemas, porém alguns deles são realizados somente nas subvariedades localizadas na posição próxima da norma europeia no *continuum* do PTL apresentado mais acima.

Baxter (1990), ao analisar o Crioulo Português de Bidau (CPB), comparou-o com algumas variedades de CPs Asiáticos, encontrando uma série de aspectos tipológicos comuns, e Carvalho (2002), ao analisar aspectos do PTL, enfatizando o enclave de Oecussi, apresenta uma série de processos fonológicos e realizações distintas de alguns fonemas que são comuns nos crioulos de base lexical portuguesa. A importância dos dois artigos citados anteriormente consiste no fato que diversos traços fonético-fonológicos dos CPs Asiáticos estão presentes no PTL, como será apontado a seguir:

1. ʃ > s
chegar [se.ˈga] ~ [ˈse.ga];
chá [sa]
bicho [ˈbi.su]
2. ʎ > l
olho [ˈo.liu] ~ [ˈoi.lu]
espelho [es.ˈpe.lu] ~ [es.ˈpe.liu]
3. ɲ > n
vinho [ˈbi.niu]
rascunho [ras.ˈku.niu]
bonitinho [bo.ni.ˈti.iu] ~ [bo.ni.ˈti.nu]

⁸ Para simplificação e como se trata dos fonemas da língua portuguesa, de acordo com o padrão do PE, optei por não representar os fones [R] e [r], que são realizações que dependem da posição, como o [R] em início de palavra e de sílaba, e os fones [ɐ] e [i] que são realizadas em sílabas não acentuadas (MATEUS E D'ANDRADE, 2000: 18).

O fonema /z/ ora realizado como [z], ora como [dz]⁹, é típico do CPMal (BAXTER, 1988) e de Bidau (BAXTER, 1990), e encontrou-se a mesma realização no corpus do PTL analisado:

4. z > z

já [za] ~ [dza]

vigésimo [vi. 'zɛ.zi.mu] ~ [bi. 'zɛ.zi.mu] ~ [vi. 'zɛ.si.mu] ~ [bi. 'zɛ.si.mu]

O caso de o /v/ ser realizado como [b] encontra-se nas variedades do CPMal (BAXTER, 1990), na ilha de Flores e até na região do norte de Portugal (CARVALHO, 2002) e também em várias realizações do PTL:

5. v > b

livro ['li.bru]

ouvir ['u.bi] ~ [u. 'bi.i] ~ ['ɔ.bi] ~ [ɔ. 'bi.i]

6. f > p

força ['pur.sa]

fingir ['pin.zi] ~ [pin. 'zi.i]

7. e > i

chave ['sa.bi]

escola [is. 'kɔ.la] ~ [if.kɔ.la]

8. o > u

soletrar [su. 'le.tra]

jeito ['zei.tu]

Muitas dessas realizações fonéticas ocorrem pela ausência desses fonemas nas línguas maternas dos falantes leste-timorenses, mas também como foi apontado, algumas dessas realizações não são exclusivas do PTL, sendo também traço da fonologia dos CPs Asiáticos, e até das variedades da língua portuguesa falada no Brasil e em Portugal (CARVALHO, 2002).

Dessa maneira, algumas realizações fonéticas do PTL servem como evidência do contato entre as variedades dos CPs Asiáticos com o PTL, enquanto outras parecem ser tendências naturais dos falantes lusófonos.

⁹ Um informante leste-timorense que residiu no Brasil recentemente me informou que [dz] se trata de uma hipercorreção de falantes mais jovens devido à influência do *bahasa indonesia*.

2.2 ALGUNS PROCESSOS FONOLÓGICOS

O PTL apresenta uma série de processos fonológicos uns exclusivos, outros que são encontrados nas outras variedades do português na Ásia, principalmente os crioulos de Malaca e Macau. Desses processos, separaram-se cinco casos mais notáveis, são eles: a desnasalização e redução (que aparenta ser mais típica do PTL); a metátese e epêntese (que se encontram também em CPMal e CPMac) e a monotongação (que se apresenta na atualidade em todo o mundo lusófono).

A nasalização é um traço tipológico que não existe nas línguas nativas de Timor Leste, e em muitas línguas do mundo também. Assim, o PTL apresenta amplamente o fenômeno de desnasalização, assim como, não apresenta a pré-nasalização (fenômeno presente em muitas variedades do português, inclusive no PB, como em “cama” [‘kãma]), seguem alguns exemplos:

9.

educação [e.du.ka‘sa.u] ~ [e.du.ka‘sa.un]

ação [a.‘sa.u] ~ [a.‘sa.un]

confissão [kon.fi‘sa.u] ~ [kon.fi‘sa.un]

A metátese é um processo de mudança lingüística atestado em várias línguas do mundo. Trata-se da troca de posição de um determinado fonema, esse processo ocorre também em diversas variedades do português, inclusive em CPMal e CPB:

10.

perguntar [pre.‘gun.ta]

vidro [‘bri.do]

A epêntese, inserção de uma vogal em sílabas com padrão complexo do tipo CCV, VCC, entre outros, gerando, assim o padrão de sílaba universal CV, além de ser encontrada no PTL, faz parte da realização fonética de diversas variedades do português: o PB, o português de Flores, CPMal e CPB:

11.

advogado [a.di.bo.‘ga.do]

administração [a.di.mi.nis.tra.‘sa.u] ~ [a.di.mi.nis.tra‘sa.un]

O processo de redução – no caso exemplificado abaixo se trata de apócope – que se trata da realização fonética com a ausência de um, ou mais fones, foi observado muitas vezes

em PTL, principalmente na classe de verbos, pois há um conjunto de fonemas consonantais no final de palavras, ou no final de núcleos silábicos, que não são realizados¹⁰:

12.

abraçar [a.ˈbra.sa]

cair [kai]

ajudar [a.ˈzu.da] ~ [a.ˈdzu.da]

O fenômeno de monotongação encontra-se presente em diversas variedades da língua portuguesa no mundo, no PB, nas variedades africanas do português e até no PE. Dessa forma, o PTL segue o que aparenta ser um traço tipológico da língua portuguesa no mundo:

13.

manteiga [man.ˈte.ga]

madeira [ma.ˈde.ra]

vassoura [ba.ˈso.ra]

2.3 A PROSÓDIA

A prosódia do PTL é área que mais se destaca das demais por apresentar traços tipológicos únicos e uma clara influência das línguas nativas. Assim, separou-se como funciona no PTL a acentuação e o ritmo, e verificou-se a presença de um padrão entonacional como traço tipológico idiossincrático.

Com os avanços dos estudos lingüísticos é possível postular algumas características da prosódia do PE, entre elas as dignas de nota para a análise contrastiva com o PTL, são: o PE não possui acentos rítmicos (ANDRADE e LAKS, 1992); o traço acústico mais significativo para a análise dos fenômenos acentuais em língua portuguesa é a duração (ANDRADE e VIANA, 1989); o acento lexical não é previsível; a entonação do PE possui a presença de um contorno declarativo neutro, constituído de uma subida inicial, um *plateau* intermediário e uma descida final (ANDRADE, 1997).

Em PTL, o padrão acentual é bem diferente, ocorrendo o acento primário predominantemente na penúltima sílaba, inclusive em palavras acentuadas de maneira diversa deste padrão, de acordo com a norma do PE. Nos dados analisados, verificou-se a ausência do acento secundário que é “elemento importante no ritmo de uma língua” (BISOL, 2000: 408).

¹⁰ Nas línguas nativas de Timor Leste de origem austronésica há um número limitado de fonemas consonantais que são realizados em posição final. Um exemplo disso encontra-se até no nome da língua Tétum, que possui essa grafia e pronúncia somente em língua portuguesa. Em língua Tétum, pronuncia-se e escreve-se *tetun*, pois o /m/ não aparece em posição final nessa língua e nas outras línguas austronésicas.

Dessa maneira, fenômenos importantes para a teoria prosódica, como haplologia, degeminação e elisão, em PTL possuem comportamentos totalmente diferentes dos já descritos para o PB e o PE. Isso dá ao PTL um ritmo de característica não-marcada tanto para sentenças sem foco pragmático, como para sentenças com algum tipo de foco pragmático. Ainda, como será discutido mais abaixo, há subvariedades que sofrem uma maior influência das línguas nativas que apresentam ausência de ritmo frasal.

Os diferentes tipos de acentuação são apresentados tanto em vocábulos pronunciados sozinhos, como seu uso nas sentenças¹¹:

14. [‘kɔ.re] ‘corrí’

15. [kɔ.‘re.e] ‘correr’

16. [sai] ‘sair’ ou ‘saí’

17. [a.‘lin.gua.por.tu.‘ge.za.dza.foi.kri.‘a.da.no.‘tem.pu.pa.‘sa.du]

a língua portuguesa já foi criada no tempo passado

‘A língua portuguesa foi criada antigamente.’

18. [‘el.‘za.‘se.ga.‘mui.tu.‘se.du]

ele já chega muito cedo

‘Ele chegou muito cedo’.

Em uma investigação sobre a tipologia da acentuação das línguas do mundo, com ênfase nas línguas austronésicas e papuásicas – as línguas de Timor Leste são classificadas como pertencentes a um, ou outro desses grupos – Zanten e Goedemans (2009) chegaram à conclusão de que grande parte das línguas austronésicas (67%, ou seja, dois terços) possui acento fixo e, em sua maioria, caindo na penúltima sílaba. Digno de nota é que a variação da acentuação das línguas austronésicas pertence ao grupo das línguas oceânicas somente (ZANTEN e GOEDEMANS, 2009).

De acordo com o que foi exposto, então, pode-se argumentar claramente que os falantes leste-timorenses trouxeram o padrão tipológico de acentuação de suas línguas maternas – línguas austronésicas ou papuásicas – para a aprendizagem do português, formando para o PTL um padrão de acentuação predominantemente paroxítono.

¹¹ Os exemplos apresentados foram extraídos de redações dos alunos do ensino pré-secundário e ensino secundário do sistema educacional de Timor Leste – equivalentes ao ensino fundamental e ensino médio, respectivamente, do sistema educacional brasileiro – que tinham como tema ‘A independência de Timor Leste’, ‘A língua portuguesa em Timor Leste’, ‘A constituição e o ensino de Timor Leste’, entre outros, assim como a análise fonológica baseou-se na apresentação pelos alunos dessas mesmas redações.

Ainda, em um trabalho único sobre a prosódia das línguas Timóricas, Himmelmann (2008) analisa aspectos da prosódia do Waima'a¹². Neste trabalho, o lingüista chega à conclusão de que o Waima'a não possui acento lexical, nem tom lexical e nem ritmo frasal. Há apenas um acento frasal que recai sobre a penúltima sílaba (H) e um tom frasal final com função delimitativa (L%). O padrão da unidade entonacional consiste no esquema a seguir:

[σ σ σ σ σ σ σ σ σ - σ]

H – L%

Este parece ser um traço tipológico de grande parte das línguas nativas de Timor Leste, principalmente que a ilha de Timor é considerada uma área lingüística (HULL, 2001) que se encontra inserida em outra área lingüística maior, chamada de Nusantara Oriental (KLAMER; REESINK; STADEN, 2007), que engloba um amplo conjunto de ilhas da região que se localiza no leste da Indonésia.

Os exemplos abaixo apresentam um esquema da prosódia do PTL, as orações são caracterizadas inicialmente por um padrão entonacional médio, ou neutro (σ), que se estende pela sentença. Somente a penúltima sílaba recebe um acento frasal alto (H), seguido por um tom delimitativo baixo (L%), exemplos (19) e (20); ainda, em outros casos o padrão acentual encontra-se mesclado com o padrão prosódico descrito acima, como em (21) e (22):

19. [ozeusaipareʃKɔ-LA]

H – L%

hoje eu saí para a escola

‘Hoje eu fui à escola.’

20. [podemozensinaitransformaestudanteʃdetimorEN-SEʃ]

H – L%

podemos ensinar e transformar estudantes de timorenses

‘Podemos ensinar e transformar os estudantes timorenses.’

21. [ti.‘mo.ɔr.‘les.te.e.uma.na.‘sa.un.que.NO-VA]

H – L%

Timor Leste é uma nação que (é) nova

‘Timor Leste é uma nação que é nova.’

¹² Dialeto falado no distrito de Baucau faz parte um complexo dialetal cujo acrônimo é, algumas vezes, referido na literatura lingüística como Kawaimina (HULL, 2001).

22. [pri.‘mei.ru.foi.os.mi.sio.‘na.ri.us.ki.ni.‘en.tus.anu.ZA-TrAS]

H – L%

primeiro foi os missionários quinhentos anos atrás

‘Os primeiros foram os missionários quinhentos anos atrás.’

Dessa maneira, o padrão entonacional apontado acima, proposto por Himmelmann (2008), parece fazer parte da tipologia das línguas de Timor Leste e, dessa forma, ter influenciado na prosódica do PTL.

No cópús analisado, ainda, pode-se perceber que no *continuum* próximo à norma européia, os falantes realizavam o padrão acentual e rítmico próximo ao PE, como em (17) e (18); na posição intermediária os falantes mesclavam o padrão acentual com o padrão entonacional, como nos exemplos (21) e (22); na posição mais oposta à norma européia do *continuum* os falantes realizam o padrão entonacional, como em (19) e (20).

Assim, o caráter introdutório deste artigo não explicita o conjunto de regras presentes no padrão acentual do PTL, nem os problemas da prosódia desta mesma variedade do português, que deixarei para analisar em estudos futuros.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se afirmar, através de evidências de natureza fonético-fonológicas e prosódicas, que o PTL destaca-se como uma variedade emergente da língua portuguesa com sua gramática em vias de estabilização. Logo, os supostos “desvios” em relação à norma européia devem ser vistos de acordo como foi apresentado no presente artigo: como manifestações da gramática do PTL.

Ainda, o padrão acentual do PTL apresenta uma tendência a paroxítonas e alguns poucos casos de oxítonas, com uma quase completa ausência de proparoxítonas. O ritmo e o padrão entonacional destacam-se por serem totalmente adversos das demais variedades da língua portuguesa, até mesmo das variedades crioulas vizinhas, como o CPMal e CPMac, conforme a análise de Baxter (1988:20) para o CPMal e de Batalha (1959:181) para o CPMac; o PTL segue ora a prosódia de línguas de origem austronésica da região, ora mescla os padrões prosódicos. Outro traço tipológico marcante é a ausência de ritmo frasal e a presença de tom em algumas subvariedades do PTL.

Um estudo exaustivo do padrão acentual do PTL, assim como do ritmo e uma análise pormenorizada da presença do tom em algumas subvariedades está a ser feita, sendo deixada para estudos futuros, pois fogem também do escopo deste trabalho. A pesquisa do PTL vem revelando diversos traços tipológicos notáveis desta variedade do português e, além de consolidar os estudos lusófonos, podem fornecer contribuições notáveis para a linguística teórica.

REFERÊNCIAS

1. ANDRADE, E; LAKS, B. Na crista da onda: o acento de palavra em português. In: *Actas do VII Encontro nacional da associação portuguesa de lingüística*, p. 15-26. Lisboa: APL/Colibri, 1992.
2. ANDRADE, E; VIANA, M. C. O ritmo e o acento em português. Comunicação apresentada no *Encontro regional da associação portuguesa de linguística em homenagem ao professor Lindley Cintra*. Lisboa: 1988.
3. ANDRADE, E. Ainda sobre o acento e o ritmo em português. In *Actas do IV Encontro da associação portuguesa de lingüística*, 3-15. Lisboa: APL, 1989.
4. BATALHA, G. N. Estado actual do dialecto macaense. *Revista de Filologia Portuguesa*, v.9, p.177-213, 1959.
5. BAXTER, A. *A grammar of kristang (malacca creole portuguese)*. Canberra: Pacific Linguistics, 1988.
6. _____. Notes on the Creole Portuguese of Bidau, Timor. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, v. 5, n.1 p.1-38, 1990.
7. BISOL, L. O troqueu silábico no sistema fonológico (Um Adendo ao Artigo de Plínio Barbosa). *D.E.L.T.A.*, V.16, N.º 2, p. 403-413, 2000.
8. BRITO, R. H. P. Reflexões sobre o português em Timor-Leste. *Revista Mackenzie educação, arte e história da cultura*, v. 2, p.87-95, 2002.
9. _____. A língua adormecida: o caso Timor-Leste. In: BASTOS, N. M. (org.) *Língua portuguesa em calidoscópio*, p. 319-329. São paulo: Educ/Fapesp, 2004.
10. BRITO, R. H. P; BASTOS, N. M. B. “Hello, mister”, “obrigadu barak” e “boa tarde”: desafios da expressão lingüística em Timor-Leste. *Revista acoalfaplp: acolhendo a alfabetização nos países de língua portuguesa*, v.2, n.3, 2007.

11. BRITO, R. H. P; CORTE-REAL, B. Algumas especificidades fonético-fonológicas da variante do português timorense. *Actas do VIII Simpósio internacional de comunicação social*, v.1, p.147-151, 2002.
12. CARVALHO, M. J. Timor Lorosa'e, características das línguas crioulas e do português conservado na zona – contribuição para a língua oficial. *Studies of Language and Cultures of East Timor*, v.4, p.20-36, 2001.
13. CORTE-REAL, B; BRITO, R. H. P. Aspectos da política-lingüística de Timor-Leste: desvendando contracorrentes. In: MARTINS, M. L; SOUSA, H; CABECINHAS, R. (eds.). *Comunicação e lusofonia*, p.123-131. Porto: Campo das Letras, 2006.
14. GONÇALVES, P. 1997. Tipologia de “erros” do português oral de Maputo. In: STROUD, C; GONÇALVES, P. (orgs.) *Panorama do português oral de maputo. Volume II: a construção de um banco de “erros”*. Maputo: Inde, 1997.
15. _____. A nativização da língua portuguesa em sociedades africanas pós-coloniais: o caso de Moçambique. In: *Actas dos IX Cursos internacionais de verão de cascais*, p.47-58. Cascais: Câmara municipal de Cascais, 2003.
16. HIMMELMANN, N. P. Notes on Waima'a Intonational Structure. In: EWING, M; KLAMER, M. (eds.). *Typological and areal analyses: contributions from east nusantara*. Leiden: KITLV Press, 2008.
17. HULL, G. A Morphological Overview of the Timoric Sprachbund. *Studies in Language and Culture of East Timor*, vol. 4, p.98-205, 2001.
18. MATEUS, M. H.; D'ANDRADE, E. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
19. UNTAET. *The 2001 Survey of Sucos*. East Timor Transitional Administration, The Asian Development Bank, The World Bank and The United Nations Development Programme, 2001.
20. KLAMER, M; REESINK, G; STADEN, M. East Nusantara as a Linguistic Area. In: MUYSKEN, P. (ed.). *From linguistic areas to areal linguistics*. Amsterdam: Benjamins, 2007.
21. NATIONAL BOARD OF STATISTICS. *Timor-leste census of population and housing 2004*. Priority Tables Editions: National Board of Statistics and the United Nation Fund for Population, 2006.
22. SILVA NETO, S. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1988.
23. OLIVEIRA, L. *Timor na história de Portugal*. Vol. I. Lisboa: Fundação Oriente, 2004.

24. THOMAZ, L. F. F. R. *Babel Loro Sa'e: o problema lingüístico de Timor Leste*. Lisboa: Instituto Camões, 2002.
25. VASCONCELOS, J. L. *Esquisse d'une dialectogie portugaise*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1970.
26. ZANTEN, E; GOEDEMANS, R. A functional typology of Austronesian and Papuan stress system. In: HEUVEN, V. J; ZANTEN, E. (eds.). *Prosody in Indonesian Languages*, p.63-87. Utrecht: LOT, 2007.

ABSTRACT: The present paper intends to present prosodic evidences in favor of a Portuguese Language variety spoken in East Timor. Moreover, this paper will present also socio-historical background and Portuguese language contacts information throughout colonization period. The so called “peculiarities” here are seen as grammatical traces exclusive of this Portuguese variety.

KEYWORDS: Portuguese Language; East Timor; phonetics; phonology; prosodic.

Recebido no dia 25 de maio de 2010.

Artigo aceito para publicação no dia 12 de julho de 2010.